

# O índio do Acre escreve sua própria cartilha



Nietta Lindenberg coordenou a elaboração da cartilha durante um curso

## Tinoco dos Anjos

**N**ietta Lindenberg Monte, carioca, formada em Letras pela Nacional do Rio de Janeiro, morando no Acre desde o início de 1983, passou por Vitória para visitar parentes. Aproveitou para falar de um trabalho realizado com os índios em Rio Branco e que se concretizou, numa primeira etapa, na elaboração da *Cartilha do Índio Seringueiro*.

Nietta explica:

— A cartilha é o resultado de três meses de curso realizado na capital do Acre, Rio Branco, reunindo 30 índios entre 20 e 30 anos. Eles são escolhidos pelas próprias comunidades das quais fazem parte para vir a se formar professores e voltar às aldeias em seguida, onde seriam professores de seus parentes, enfim, para construir a primeira escola genuinamente indígena, quer dizer, com professores índios, independentemente de funcionários da Funai ou de outros funcionários brancos que raramente conseguem passar mais de seis meses entre eles.

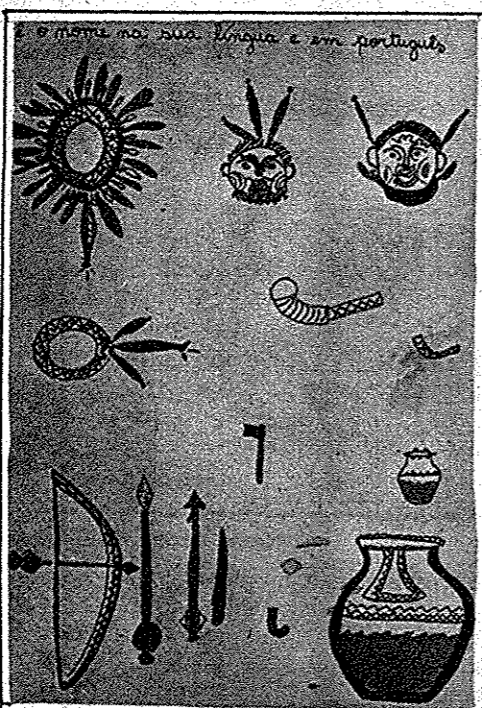
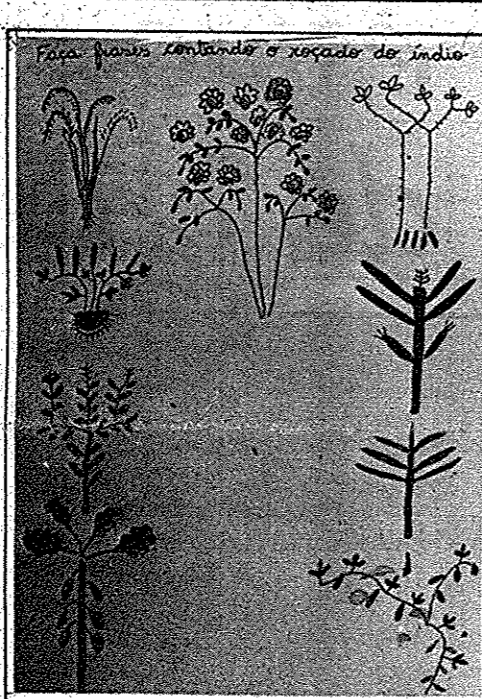
A proposta do curso, segundo Nietta, partiu dos próprios índios. Eles escreveram uma carta, no início do ano de 1982, à Funai e às entidades do Acre que trabalham com índios, requisitando não só um curso para formação de monitores como de agentes de saúde, entre eles mesmos.

— Atendendo a essa reivindicação, a Comissão Pró-Índio do Acre, que é uma entidade civil, composta de quatro pessoas, antropólogos, historiadores e indigenistas, utilizou absolutamente a improvisação. Quer dizer, eles fizeram sem nenhum dinheiro, não foi um trabalho financiado, não tem uma grande verba atrás, segurando a barra, é um trabalho feito mesmo na marra. Quando não se trata da Funai nem do Cimi, que são os órgãos que trabalham com dinheiro, as outras entidades funcionam meio na improvisação, no sentido econômico do trabalho. Então, conseguimos a hospedagem dos índios num centro de treinamento de Rio Branco, que tem salas de aulas e um hotelzinho, utilizado também por estudantes do Sul. Pensávamos inclusive em conseguir dinheiro para pagar essa hospedagem. O centro é da Fundação Cultural do Estado. Os índios ficaram três meses na cidade e nós demos o curso sem receber nada. Para a edição da cartilha foi que conseguimos um financiamento com uma organização inglesa, a Oxfan, que financia projetos no Terceiro Mundo, a fundo perdido, beneficiando estudos na área popular.

## COMO É A CARTILHA

Tendo nas mãos um exemplar da *Cartilha do Índio Seringueiro*, Nietta explica detalhadamente a concretização da proposta:

— É uma cartilha de 80 páginas, toda ilustrada, em cinco cores, plasticamente muito interessante por causa das ilustrações. É uma montagem dos trabalhos dos índios: todos os desenhos estão aqui, foram feitos por eles, como também todas as palavras que participam da alfabetização são palavras do léxico indígena. Durante o curso fizemos um levantamento das palavras utilizadas por eles e que tinham relação com a sua vida, que fossem interessantes para o mundo em que vivem. Através deste léxico foi que fizemos a montagem das chamadas palavras geradoras, como se denomina no método Paulo Freire. Depois veio a codificação da palavra geradora, que é o desenho, que acompanha a palavra; então, você passa a associar desenho-palavra; da palavra se vai à sílaba e é através da sílaba que se trabalha. É o método da silabação, me parece. Então, você trabalha com as sílabas e a partir delas, reorganiza todas as palavras que podem sair desta mesma palavra. Exemplo: com a palavra "piaba" você trabalha com o "p" e com o "b", as consoantes existentes, mas trabalha com o "p" e o "b" em todos os contextos vocálicos possíveis, quer dizer, o "p" mais o "a", mais o "e", mais o "i", e assim por diante, incluindo todas as famílias vocálicas do "p" e do "b". O método consiste nisso: você trabalha com as consoantes e as vogais, que são sempre as cinco mesmas, nas consoantes é que se pode inovar. Então, na palavra "piaba", você introduz o "p" e o "b" que são fonemas mais ou menos fáceis de guardar porque são



Através de seus próprios desenhos, os índios vão aprendendo a escrever

opostos, um tem a ver com o outro, e os índios também têm esses fonemas. Você também tem que escolher sons que os índios conhecem, introduzir um novo som complicado.

A partir da palavra "piaba", segundo Nietta, se pode chegar com várias outras palavras. É um trabalho, primeiro, de registro do "p" e do "b" e, segundo, de invenção de outras palavras que possa combinar com esses pequenos vocábulos. "O método Paulo Freire consiste nisso. É um método também criativo, que requer memória num primeiro momento e, depois, criação. A cartilha trabalha com esse processo de memorização de certos fonemas, de certos sons, e criação de outras palavras que sejam compostas, então se trabalha ao nível do imaginário da pessoa, possibilitando um trabalho criativo. Nós sempre trabalhamos nesse sentido. Eu sou formada em Literatura e trabalho há muitos anos com criação de textos. Então, os índios desenharam muito; eu passava duas horas lendo e escrevendo e duas horas desenhando, embora não seja professora de desenho; minha técnica era dar inteira liberdade a eles, dava a caneta e sugeria que desenhassem tudo que conheçam, que fazia, parte do seu dia-a-dia, aquilo de que gostava, suas fantasias, etc.

A cartilha ficou pronta em agosto passado, mas não houve lançamento porque ela foi feita para ser utilizada pelos próprios índios em suas aldeias, o que já está acontecendo. Nietta esclarece:

— Eu ainda não acompanhei qualquer aplicação da cartilha durante um mês. Tive a oportunidade de levar o material para algumas aldeias; outras vieram buscar em Rio Branco. Nas aldeias onde fui, constatei uma empolgação imensa à primeira vista, recebendo um material feito por eles mesmos, reconhecendo seus desenhos, as palavras. Mas a eficiência da cartilha ainda não foi testada, apesar de que o material tenha sido levado para a Amazônia. Um grupo de amigos que trabalham com os Ticunas, onde já existem dois mil alfabetizados, me informou que os índios de lá ficaram mobilizados com o material; era a primeira vez que viam um material em português. Mas no Acre mesmo eu ainda não testei. Neste ano de 84 é que terei chance de fazer isso e, inclusive, refazer o material para uma segunda edição.

Nietta Lindenberg afirma que a cartilha alfabetiza integralmente. Se ela é estudada da primeira palavra geradora à última, o interessado terá passado por todas as problemas linguísticos do por-

tuês. Será preciso um mínimo de seis meses de estudo, tendo a cartilha como material básico.

— De certa maneira, esta cartilha é um trabalho original no Brasil, no sentido de que foram os índios que participaram da elaboração. O que normalmente existe são antropólogos que chegam às aldeias, fazem uma gravação de todo o léxico, levam de volta para seus gabinetes, laboratórios e aí fazem o trabalho. Eu acho que é a primeira vez que os índios confeccionam uma cartilha no Brasil.

Isso, segundo Nietta, dentro da filosofia da educação popular, "voltada para as classes populares, concretizando exatamente todos esses princípios modernos de educação, de você voltá-la para o contexto cultural da comunidade a qual está alfabetizando". Em suma, fazer uma educação conscientizadora e não alienante, voltando o indivíduo para a sua realidade prática e não idealizada. Com o ponto de vista de não criar desejos impossíveis. Não tem nada de novo no que estou falando. Hoje em dia qualquer publicação do MEC diz isso, está todo mundo nessa linha desde a abertura política, que influenciou os pressupostos de todos os órgãos que lidam com esse setor. De certa forma tentamos realizar aquilo em que todo mundo acredita".

— O que acho que tem de novo no nosso projeto é a possibilidade de realizá-lo com pouco dinheiro, é você não ficar esperando as grandes verbas. No nosso caso ocorreu o inverso: o MEC, depois de ver o trabalho, se prontificou a financiar o segundo material, através da Fundação Pró-Memória, juntamente com quatro instituições do governo. Vão financiar trabalhos que eles chamam de interação escola-contextos culturais. Estão com vários projetos espalhados pelo país de educação alternativa. Agora eles vão nos financiar o ano de 1984.

Nietta afirma que agora eles irão receber oito milhões para editar o segundo livro, que sai em janeiro, além da remuneração para os 16 índios que estão dando aula no momento, em suas aldeias. "Dos 30 alfabetizados, 16 ficaram realmente alfabetizados, em condições de trabalhar como monitores. Os demais estão alfabetizados, mas ainda não estão em condições de transmissão. Então, estamos com 16 escolas onde está se desenvolvendo o projeto piloto.

— As escolas estão funcionando bem, nós temos ido a algumas delas, porque são aldeias espalhadas por toda extensão territorial do Acre. Algumas aldeias ficam há 18 dias da capital, não é um acesso fácil e nós somos apenas duas pessoas trabalhando. Sou eu e um professor de Matemática. A educação se dá em dois departamentos: Português e Matemática. Os índios precisam aprender a fazer

contas, porque eles transam o comércio de sua borracha e assim evitam ser enganados pelo patrão, pelo seringueiro. Nós temos também uma cartilha de Matemática, mas não foi feita por nós. Agora, a nossa cartilha teve uma tiragem de mil exemplares. Duzentos exemplares foram distribuídos entre brancos para divulgação e o restante já está com os índios. Eu, inclusive, vou pedir uma nova edição de mil exemplares.

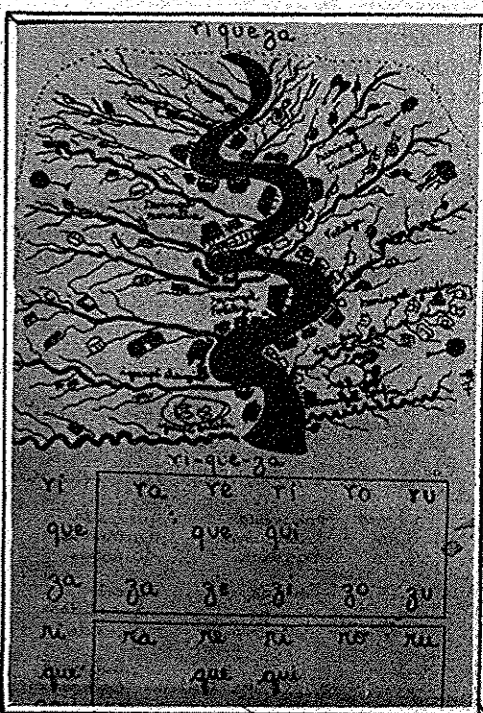
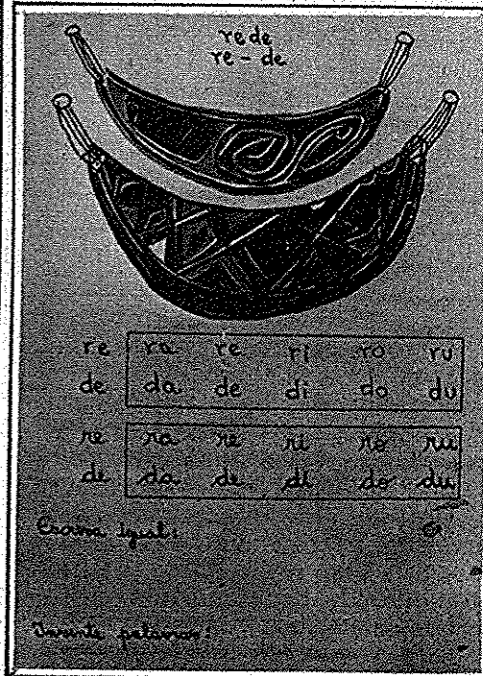
Nietta acha importante, no trabalho de alfabetização dos índios, que o professor seja um deles:

— A nossa presença branca entre eles nunca é a mesma coisa. Por mais transparente que você queira ser como pessoa será sempre um outro. E sempre inibidor de um certo ponto de vista, a relação nunca é natural como podemos querer propor. Isso eu tenho sentido porque tenho uma relação de muita amizade, intimidade, com a maioria deles. Você sente que há um certo constrangimento mútuo, é como um brasileiro se relacionar com um estrangeiro. Quer dizer, a noção do outro está sempre presente e, quando esse outro é dominante, quando vem historicamente de uma posição de dominação, isso é mais constrangedor ainda para eles. E a experiência da Funai nesse sentido, de criação de escolas indígenas, não estava sendo eficaz. O branco tem o tempo que ele atura viver entre os índios, depois não aguenta mais, por causa das diferenças culturais. Interessante é que foram os próprios índios que chegaram a essa conclusão. A reivindicação surgiu deles.

Nietta Lindenberg Monte demonstra muito entusiasmo quando fala de seu trabalho junto aos índios. Está há sete anos fora do Rio de Janeiro, trabalhando em Mossoró, "que é sertão bravo" e morou também, antes de ir para o Acre, na Europa, fazendo pós-graduação.

— Estar no Acre é, primeiro, conhecer um outro lado do Brasil, ficar alarmado com a ocupação das terras pelos fazendeiros sulistas, pelas multinacionais. Isso tudo fica muito evidente para quem está lá. Por um lado, é meio bucólico, telúrico, estar lá e, por outro, possibilita uma consciência sobre o final de tudo isso.

Nietta anuncia que, no final de janeiro, sairá o livro *Histórias de Hoje e de Antigamente dos Índios do Acre*, que é a mesma linha de trabalho, um material didático, voltado para as comunidades indígenas, para funcionar como material de leitura. Quer dizer, uma vez alfabetizados, eles têm que ler o que ler para fixação de todo esse conhecimento, senão acaba. Então, nós produzimos — nós que eu digo são eles — um livro de textos, só montei, organizei, fiz um trabalho de correção



A edição reproduziu a simplicidade dos desenhos com beleza gráfica

## CARTILHA DO ÍNDIO SERINGUEIRO

"Nós Índios também viemos estudar aqui em Rio Branco para aprender a ler, escrever e tirar conta. É isso que nós queremos — aprender para ensinar o nosso povo que quer também aprender

E o índio não tem vergonha de falar sua própria língua dele.

Eu sou índio Caxinauá do rio Jordão:

Anastácio — Baner, Izaís — Imá,

Francisco Senhozinho — Tener, Joaquim — Maná,

João Carlos — Kiam, João Sales — Tener,

José Pereira — Biscô, Norberto — Tener,

Osair — Ciam, Rufino e Sálvio — Kister.

Eu sou índio dos Caxinauá do rio Envira

Rubem, Júlio e Pedro Barbosa. — Cupi.

Eu sou índio Apurinã:

Francisco, Maria Elizabeth e Cleonice

Eu sou índio Catuquina:

Orlando — Nu e Maurício — Vinhô

Eu sou índio Jaminaua: Paulo Maxico e Pedro Chagas.

Eu sou índio Manchineri: Paulo Emílio.

Eu sou índia Janauá: Maria Luiza — Naueni

Esta cartilha foi imaginada e realizada em conjunto pelos alunos do curso de formação de monitores indígenas acima relacionados sob a orientação da professora Nietta Lindenberg Monte.

Agradecemos à força dos amigos: Terri Toni,

Elson, Isa, Jacó, Osvaldo e Shirley,

Luiz, Macedo, Anselmo, Marinetti, Kátia, Verinha.

Ao Centro de Treinamento da Fundação Cultural do Governo do Estado onde nos foi dado espaço para realizar este trabalho

A FUNAI e ao CIMI pelo apoio

Ao CEDI — CEDOP pela cartilha Poronga

A OXFAN pelo patrocínio

E a Comissão Pró-Índio que possibilitou-nos tudo isto.

(Texto da contracapa da cartilha. Arte final: Nivaldo, Serezo, Nietta e Marnísia — Revisão arte: Flor e Bárbara — Rio Branco, junho de 1983)

ortográfica, já que é um material didático. O resto são textos escritos por eles durante o curso. Chama-se *Histórias de Hoje e Antigamente* porque histórias de hoje são os textos que dizem respeito à sua vida nas aldeias, como eles caçam, como festejam, choram, casam. As histórias de antigamente são os chamados mitos indígenas. Há muitas ilustrações.

Nietta fala de Terri, um antropólogo que conheceu e que está no último Paquim, num artigo de Edison Martins.

— É um antropólogo acreano, morando no Acre desde 1976, depois que fez pós-graduação de Antropologia em Brasília. Ele vem realizando um trabalho mais na área da Economia — estou coordenando a parte de educação, que é um trabalho recente da Comissão Pró-Índio. Terri está estimulando o incremento de cooperativas entre os índios do Acre. Antes eles eram submetidos ao esquema do barracão, quer dizer, vendiam a mercadoria retalhada para os compradores que iam lá, e que nos chamamos de *regatões*, e em troca recebiam produtos semi-industrializados. Estavam permanentemente devendo ao patrão. O trabalho de cooperativas visa exatamente afastar os *regatões* das áreas indígenas e permitir que os próprios índios vendam sua produção nas cidades.

Nietta conclui, ainda falando sobre a cartilha:

— É uma edição bilingue, uma cartilha em português, mas, ao mesmo tempo, sugere ao índio que escreva em sua língua. A partir de certo momento, na cartilha, há vários exercícios que pedem ao índio para tentar escrever em sua própria língua as mesmas coisas que está escrevendo em português. O que se dá é que ele acaba abrileirando a escrita da língua. Uma vez que ele conhece o código escrito, e uma vez que os sons são similares, alguns sons que eles têm nós não temos; agora, quase todos os nossos eles têm. Então, o que acontece é que eles são capazes de, depois de alfabetizados em português, escreverem em sua própria língua. Evidentemente que não com o rigor dos linguistas, mas eles abraçaram o som. O índio dá uma solução criativa própria e passa a ser capaz de também registrar a sua língua. Não é um trabalho de apenas fazê-lo aprender, mas passá-lo a manusear o código escrito de uma maneira geral, seja para qualquer língua.